

## INTERIORIDADE: “a dimensão perdida”

**Padre Adroaldo Palaoro SJ**

Em todo momento histórico, quando a Igreja e a sociedade são sacudidas por grandes **mudanças**, surgem homens e mulheres que rompem com esquemas e seguranças envelhecidos e se deixam conduzir pelo Espírito ao **deserto**, às **margens**, às **fronteiras...** para viverem a “cultura do encontro”.

O Evangelho nos projeta para o meio de um **mundo** plural e em constante mudança, movidos pelo mesmo **“espírito”** que impulsionou muitos(as) seguidores(as) a oferecerem uma resposta ousada e criativa ao mundo de seu tempo. Esse “deslocamento” geográfico, social, cultural, religioso... é precedido por um outro movimento, também decisivo: o **percurso interior**.

Queremos, nesta breve reflexão, destacar esta **dimensão essencial** que serve como baliza para dar sentido e coesão à nossa **vida** e **missão**, enquanto seguidores(as) de Jesus. Estamos falando da **“interioridade evangelizada, conduzida pelo Espírito”**.

Mas, primeiramente, é preciso ter presente o **“contexto”** do mundo no qual vivemos: queremos nos deixar interpelar por ele, fazendo com que ressoem em nós suas perguntas e suas inquietações, suas luzes e suas sombras, suas riquezas e suas mazelas, suas possibilidades e suas contradições. Só assim, a vida cristã, inspirada pela pessoa de Jesus Cristo e marcada pela mística inaciana, poderá ser presença iluminante e criativa.

Todos nós temos consciência que a **superficialidade**, o **consumismo** e o **individualismo** são as marcas de nossa sociedade atual. Marcas que nos des-figuram e nos desumanizam. Já o grande teólogo Paul Tillich (1886-1965) afirmava que *“a grande tragédia do homem moderno é ter perdido a dimensão de profundidade”*. Nas suas obras há um insistente apelo a re-encontrar aquilo que ele chamava **“a dimensão perdida”**. Este é o contrassenso humano: por uma parte, salta à vista a tendência a instalar-nos na **superficialidade** (chamemos isso de “zona de conforto” ou simplesmente “comodidade”) e, por outra, a certeza de que somos todos habitados por um anseio que nos chama constantemente para a **profundidade** (chamemos isso de “nossas raízes”, “nosso ser”, “nossa casa”). Entre esses dois extremos – superficialidade e profundidade – transcorre nossa vida.

No fundo, a superficialidade, o consumismo e o individualismo são tão somente tímidas compensações que tentam aliviar o vazio de sentido que nos habita; ao mesmo tempo se apresentam como “cantos de sereia” que nos distraem daquilo que é verdadeiramente importante: viver o que somos.

Talvez, a chamada “dimensão perdida” não seja outra coisa que nossa verdadeira **identidade**.

Estamos vivendo fora de nós mesmos, daí que nosso mundo interno permaneça na obscuridade. Se nos voltarmos para dentro, se nossa atenção começa a dirigir seu foco para o interior, então tudo se ilumina.

Comprovamos hoje um **“déficit de interioridade”**. O ser humano “pós-moderno” perdeu a direção do seu coração; dentro dele há um “condomínio” onde portas se fecham, chaves se perdem, segredos são esquecidos... e mergulha na mais profunda solidão estéril. Vive perdido fora de si mesmo e não consegue colocar as grandes **perguntas** existenciais: *“de onde venho? quem sou? para onde vou? quê devo fazer?”* Muitos já não conseguem mais recolher-se e voltar para “dentro” de si, para recuperar o **centro gravitacional** de sua vida, o ponto de equilíbrio interior. As instituições (família, educação, religião...) também foram, ao longo do tempo, descuidando das **vias de acesso** ao interior, permanecendo na superfície...

Vivemos um contexto social e cultural no qual se constata um modo de vida que não favorece o contato profundo **consigo mesmo**, com os **outros** e com o Criador. Seduzido por estímulos ambientais, envolvido por apelos vindos de fora, cativado pela mídia, pelas inovações rápidas, magnetizado por ofertas alucinantes... o ser humano se esvazia, se dilui, perde a interioridade e... se desumaniza. Tudo se torna **líquido**: o amor, as relações, os valores, a ética, as grandes causas... (cf. Bauman). Esta **desarmonia** interna é exteriorizada gerando uma **desarmonia** na relação com os outros, com a natureza e com o Criador.

Quem é capaz de dialogar consigo mesmo e ter poéticos encontros com seu próprio ser? Como restabelecer o caminho da **harmonia interior**? Como entrar em **sintonia** com os outros, a natureza, o Criador? Diante desta **“cultura líquida”** é urgente gerar espaços que facilitem reabrir as vias da **interioridade**, possibilitar o retorno ao “lar interior” onde é gestada nossa **identidade** e nossas **opções** mais firmes.

Em meio às mudanças e às transformações de nosso tempo, somos chamados, como **inacianos(as)**, a ser pessoas de **interioridade**. E **interioridade** é um caminho sempre inacabado.

Frente aos desafios que a vida hoje nos apresenta, é decisivo favorecer um *espaço interior livre*, ou seja, liberado de tudo aquilo que possa entorpecê-lo inutilmente, para “*sentir e saborear as coisas internamente*”. Não é possível “ajudar os outros” a viver interiormente se nós mesmos não vivemos nesse espaço de silêncio, de gratuidade e de interioridade, onde buscamos as motivações e as inspirações de nossa missão (família, trabalho, relações...). Esta “vida interior” é, ao mesmo tempo, a *terra* na qual permanecemos enraizados e a *fonte* onde podemos apagar nossa sede.

Sem buscar e encontrar os caminhos da *interioridade* corremos o risco de secar nossa generosidade cotidiana e de atrofiar o sentido de nossa existência e dos nossos mais fortes compromissos.

Precisamos re-descobrir uma *pedagogia* que nos conduza até o mais profundo de nossa intimidade, onde o Espírito ativa a originalidade de nosso ser único, através de uma fonte que nunca se esgota.

Somos um *mistério* no meio de mistérios, em um mundo de surpresas e de assombros.

Cada um de nós é uma fonte inesgotável de prodígios, uma reserva insondável de recursos e possibilidades. Nós, seres humanos, somos os únicos que podemos lavrar nosso futuro, que podemos inventar-nos a nós mesmos. Somos seres históricos, nascemos como projeto de existência; a vida nos é oferecida como a tarefa apaixonante de chegar a ser *pessoa*.

Somos criadores de nós mesmos, dotados da capacidade de nos transformar interiormente, de modificar nossa maneira de pensar e de viver, de entrar em sintonia com os outros e com a realidade.

Como dinamismo humanizador, a *interioridade* é mola mestra que movimenta grandes intuições e sonhos, retira-nos do individualismo, cultiva a solidariedade, corrige rotas de vida, excita a imaginação, realça o poder criativo, desperta inspirações...; ela possibilita uma existência riquíssima e desenvolve uma personalidade plena de prazer e inventividade.

Qual é a contribuição original da *espiritualidade inaciana* ao ser humano pós-moderno?

Um aspecto decisivo emerge dos Exercícios, entre tantos outros: o valor do *interior*, ou seja, tudo o que se refere à dimensão do coração, das intenções profundas, das decisões que partem das raízes internas.

S. Inácio contribuiu decisivamente para examinar, compreender e purificar as trilhas do coração humano e nos legou uma *metodologia* da decisão interior que está na base de todo itinerário espiritual.

Ele nos ensina o caminho através do qual *descemos* a uma dimensão mais profunda e assim chegamos à corrente subterrânea; aqui experimentamos a *unidade* de nosso ser; aqui é o lugar da *transcendência*, onde nossa transformação realmente acontece.

É no contexto de profunda *desarmonia* do nosso mundo que a pedagogia dos **Exercícios Espirituais** revela sua atualidade e sua força transformadora. Como **Pedagogia da Interioridade**, ela reacende o movimento de “busca da harmonia”, fecunda o espírito criador, abre espaço para o novo, nos faz garimpeiros do ouro escondido nas cavernas profundas. Portanto, pedagogia *humanizadora*.

Quando a experiência dos Exercícios ativa o percurso interior, ela fazer *emergir* à nossa consciência as **profundidades desconhecidas** do nosso ser, destrava nossa vida e libera em nós as melhores *possibilidades, riquezas, capacidades, intuições...*; ao mesmo tempo nos faz descobrir em nós, nossa *verdade* mais verdadeira de pessoas amadas, únicas, sagradas, responsáveis... Tal deslocamento *expande* nossa vida e nos faz sensíveis e capazes de escutar os acontecimentos, alimentar uma atenção contemplativa frente à realidade que nos cerca, respondendo a seus apelos e tomando decisões maduras e evangélicas.

A originalidade dos **Exercícios Espirituais** encontra-se na aventura da re-descoberta do “**mundo interior**”, esse mundo desconhecido e surpreendente, onde acontece o mais importante e decisivo de cada pessoa. Eles revelam que toda pessoa possui dentro de si uma **profundidade** que é seu mistério íntimo e pessoal. Por isso, “*viver em profundidade*” significa “entrar” no âmago da própria vida, “descer” até às raízes da própria existência e chegar à corrente subterrânea de água viva, de desejos...

Essa *interioridade* é um modo de ser, uma atitude de base a ser vivida em cada momento e em todas as circunstâncias. Mesmo nas atividades cotidianas mais simples, a pessoa que criou espaço para a **interioridade** mostra-se centrada, serena e cumulada de paz, caminhando junto com os outros na mesma direção que aponta para a Fonte de vida e de eternidade.

Sabe-se e sente-se habitada por um **Maior** que é uma Fonte irradiante de ternura e de amor. Irradia vitalidade e entusiasmo, porque carrega Deus dentro de si, carrega o Sentido do universo, de cada coisa.

A partir da *interioridade*, tudo se transfigura, tudo tem sentido, tudo vem carregado de veneração e sacralidade. Viver a *interioridade* é desenvolver a própria capacidade de contemplação, de compaixão, de assombro, escuta das mensagens e dos valores presentes no mundo à sua volta; o centro se expande em direção aos outros e à Criação, possibilitando-a viver uma conexão livre com toda a realidade, através da íntima solidariedade e do compromisso ativo.

Das raízes profundas brotam as respostas mais criativas e duradouras; a *interioridade desvelada* estimula a íntima solidariedade tornando possível a compaixão e o compromisso ativo que toca a realidade em seu núcleo central, para transformá-la, desencadeando um movimento de profundas mudanças.